

Patrocinada pelo SAS e realizada pela Economist Impact, pesquisa mostra papel da tecnologia e fatores que estão moldando o setor, ajudando seguradoras a responderem aos desafios e mudanças

Cary, NC (Janeiro 2024) - Até 2040, a inovação tecnológica impulsionada pelo foco no cliente poderá viabilizar maior resiliência climática e ofertas mais personalizadas pela indústria de seguros. Por outro lado, o seguro pode se tornar um luxo voltado apenas aos mais ricos. Esses são potenciais rumos para o setor, de acordo com um recente estudo sobre o [futuro da indústria de seguros](#) realizado pela Economist Impact e pelo SAS, líder em dados e IA.

Baseado em uma pesquisa detalhada e em entrevistas com especialistas, quatro perspectivas futuras para o setor emergem em “**Revelando as rotas para 2040: quatro cenários possíveis para seguros**”. O relatório é o primeiro de um estudo composto por duas partes que examina os principais fatores que estão moldando o futuro do setor e o papel que a tecnologia pode desempenhar para ajudar as seguradoras a lidarem com as mudanças.

“Nossos cenários não visam prever o futuro”, afirma Edwin Saliba, analista sênior da Economist Impact. “Eles exploram possíveis futuros para o setor de seguros, ajudando seguradoras a se posicionarem melhor para responder efetivamente aos desafios emergentes e aproveitar novas oportunidades”.

Segundo o relatório, o nível de cooperação global e o ritmo das mudanças tecnológicas ajudarão a determinar a eficácia e a equidade com que o setor de seguros, os governos e as sociedades em geral, enfrentarão desafios políticos como a crise climática. Cada cenário a seguir inclui recomendações de especialistas para que os líderes do setor criem resiliência e incentivem a agilidade.

“Há uma chance quase nula de que o setor de seguros entre em colapso até 2040 - e isso deve levar todas as seguradoras a avaliarem os riscos crescentes e sua resiliência geral”, diz Franklin Manchester, principal consultor global de seguros do SAS. “As seguradoras não podem impor preços aos clientes sem cobertura em zonas de inundação para garantir a lucratividade na crise climática, não para sempre, e provavelmente não por muito mais tempo”.

Importante lembrar que o estudo traz uma análise global. “Na América Latina, acredito que a tendência é que IA, dados de satélites, telemetria e open data transformarão os seguros, com análise precisa de riscos climáticos e urbanos, precificação dinâmica e até a inclusão de populações antes desassistidas. Neste cenário, o uso de IA será central, impulsionando inovação e maior acesso ao mercado,” analisa Ricardo Saponara, Head de risco, prevenção a fraudes e compliance na América Latina.

Conheça os cenários apontados pelo estudo:

Cenário 1: O isolamento e o crescimento tecnológico desregulado levam ao não cumprimento de metas climáticas

A política global isolacionista leva à aceleração da evolução tecnológica, sem restrições de proteções regulatórias ou de uma coordenação global mais ampla. A comunidade internacional fica aquém das metas climáticas devido à baixa cooperação global. Somente os países com as economias mais desenvolvidas podem investir e implementar tecnologias verdes (como energia renovável, veículos elétricos), enquanto as economias e regiões em desenvolvimento sofrem.

O seguro privado e hiper regionalizado cria grandes disparidades nas ofertas de produtos e preços, e a grande lacuna de proteção dos seguros aumenta com a saída das seguradoras dos mercados de alto risco.

Cenário 2: O foco no cliente impulsiona abordagens focadas em prevenção e transformação climática

Quando iniciativas regulatórias e cooperação global são bem-sucedidas na proteção de identidades digitais e privacidade de dados, novas linhas de comunicação se abrem entre países e regiões e inspiram o avanço coletivo em tecnologias emergentes. As seguradoras passam de uma abordagem de indenização a uma abordagem preventiva nas apólices de seguro saúde, residencial e automotivo.

A democratização da tecnologia permite que as seguradoras ofereçam produtos altamente personalizados a clientes novos e existentes, adequados a perfis de risco e preferências individuais.

Cenário 3: Os efeitos das mudanças climáticas estimulam a resiliência climática - para alguns

Grandes economias apresentam relatórios de sustentabilidade corporativa e renovam políticas nacionais de resposta e recuperação de desastres, com as seguradoras exercendo um papel de destaque no compliance, empregando abordagens de modelagem de risco. As economias de baixa e média renda concentram-se em salvar vidas e meios de subsistência, enquanto em economias mais desenvolvidas, os bancos adotam hipotecas ajustadas ao risco climático e as seguradoras introduzem prêmios de seguro residencial mais baixos, incentivando os proprietários a reformarem suas propriedades.

Onde as seguradoras deixam de oferecer cobertura, são introduzidas regulamentações de segurança e códigos de construção resistentes a choques climáticos para proibir o desenvolvimento de infraestrutura em zonas de alto risco. As seguradoras se valem de dados históricos e aumentam a precisão e a disponibilidade de dados, trazendo à tona o monitoramento ambiental em tempo real e a análise preditiva avançada.

Cenário 4: Inovação insuficiente e falta de cooperação? As seguradoras se curvam

A recusa de governos e empresas em colaborar com o desenvolvimento e a regulamentação da tecnologia acentua os conflitos globais e prejudica os esforços de mitigação das mudanças climáticas. O potencial total da IA não se concretiza, e o setor de seguros não se adapta a um mundo assolado por desastres naturais cada vez mais catastróficos. A lacuna de proteção atinge níveis históricos, afetando desproporcionalmente os mercados emergentes, onde muitos ficam sem cobertura e enfrentam restrições substanciais a recursos públicos.

Quando o setor de seguros entra em colapso, pools de riscos coletivos em comunidades locais ganham força para lidar com preocupações específicas da região.

A preparação para 2040

“Mesmo os mais ousados analistas de risco, em seus modelos mais ambiciosos, dificilmente imaginariam a frequência e a gravidade elevadas dos eventos de perda que tivemos nos últimos anos”, diz Thorsten Hein, líder de seguros em soluções de risco, fraude e compliance do SAS. “O setor está em uma trajetória alarmante”.

“As seguradoras estão enfrentando incertezas cada vez mais complexas em um ritmo muito mais acelerado, jamais enfrentadas no passado, e seus limites atuariais estão sendo pressionados. A IA se tornará uma ferramenta indispensável para que as seguradoras sobrevivam e prosperem no caminho para 2040 - IA liderada por inteligência humana, que sabe como usar seus recursos de maneira ideal e responsável para o benefício da empresa e a proteção de seus clientes”.

O SAS disponibilizará a segunda parte do estudo #Insurance2040 no início de 2025. Enquanto isso, acesse sas.com/insurance2040 para fazer o download do primeiro relatório - e saiba mais sobre como os dados e a IA estão ajudando a moldar o futuro do setor em sas.com/insurance.

Sobre a Economist Impact

A [Economist Impact](#) mescla o rigor de um think-tank com a criatividade de uma marca de mídia para cativar um público globalmente influente. Temos parcerias com empresas, fundações, ONGs e governos em grandes temas, incluindo sustentabilidade, saúde e o dinamismo da globalização para catalisar mudanças e viabilizar o progresso.

Contamos com 75 anos de histórico de pesquisas de políticas embasadas em evidências em 205 países. Nossa equipe global esclarece as escolhas de políticas por meio de benchmarks, análises de impacto econômico e social, white papers, previsões e modelagem de cenários.

Sobre o SAS

O SAS é líder global em dados e IA. Com o software SAS e nossas soluções específicas para cada indústria, as empresas transformam dados em decisões confiáveis. O SAS dá a você THE POWER TO KNOW®. Confira o site: www.sas.com/br.

Fonte: Ideal Axicom, em 08.01.2025